

## ASPECTOS DA SINTAXE DE POSIÇÃO DO VERBO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS EUROPEU

André Luis ANTONELLI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, são apresentadas algumas das questões tematizadas por pesquisa (em andamento) cujo objetivo é, entre outros aspectos, definir a posição de verbos finitos na estrutura oracional de duas gramáticas na história do Português Europeu: Português Europeu Moderno e Português Médio. A discussão será realizada no âmbito do quadro teórico da gramática gerativa em sua versão minimalista (cf., por exemplo, Chomsky 1995).

**ABSTRACT:** In this paper are presented some of the questions approached by research (in progress) whose goal is, among other aspects, to define the position of finite verbs in the clause structure of two grammars in the history of European Portuguese: Modern European Portuguese and Middle Portuguese. The discussion will be made within the framework of generative grammar in its minimalist version (cf., for instance, Chomsky 1995).

### INTRODUÇÃO

No presente texto, pretendo apresentar algumas das questões tematizadas pelo projeto de doutorado em andamento intitulado *Sintaxe de Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu*. Este projeto tem por objetivo realizar uma investigação diacrônica no âmbito da gramática gerativa para definir, entre outros aspectos, a posição do verbo na estrutura oracional da gramática do Português Clássico e na do Português Europeu Moderno. Focalizando o período de tempo que se estende do século 16 ao 19, trabalho com a hipótese preliminar de que, até o fim do século 17, o verbo se movia até o domínio de CP, tal como em línguas V2, porém, na passagem do século 17 para o 18, este movimento deixa de ser licenciado, vindo o verbo a permanecer no nível de IP.

### INDÍCIOS DE UMA GRAMÁTICA V2 NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS EUROPEU

Em termos estritamente descritivos, pode-se dizer que, nas línguas em que se manifesta o efeito V2, o verbo finito de sentenças matrizes é necessariamente precedido por apenas um constituinte sintático. Ou seja, seqüências do tipo  $Y+XP+V$ , em que  $Y$  é um elemento não-nulo, são agramaticais. Em relação ao sintagma pré-verbal, não há restrição quanto à sua natureza funcional, podendo ele ser ou o sujeito, ou um complemento ou ainda um constituinte de natureza adverbial.

Na história do Português Europeu, há indícios de que a gramática do Português

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP. E-mail: a\_antonelli28@yahoo.com.br.

Clássico, ou Português Médio (PM),<sup>2</sup> como passarei a designar aqui, também apresentaria algum tipo de efeito V2, em contraste com a não-ocorrência desse fenômeno no Português Europeu Moderno (PE). Os padrões de superficialização do sujeito em posição pré-verbal constituem um desses indícios. De acordo com os dados apresentados em Galves et al. (2005), que estudam a colocação de clíticos na história do Português Europeu, no contexto das orações matrizes enclíticas ou proclíticas com o verbo finito em segunda posição superficial, a proporção percentual durante os séculos 16 e 17 entre as ordens SV (sujeitos pré-verbais) e XV (X podendo ser um PP ou um advérbio) apresenta um paradigma diferente daquele que é atestado para o período de tempo que corresponde aos séculos 18 e 19. Esta diferença é percebida de forma mais nítida especialmente a partir da segunda metade do século 18, como atestam os resultados da tabela 1.

Tabela 1: a proporção das ordens SV e XV em relação à totalidade de sentenças (SV+XV) com clíticos — períodos de 50 anos (Galves et al. 2005).

ORDEM	1500-1549	1550-1599	1600-1649	1650-1699	1700-1749	1750-1799	1800-1849
SV	48%	39%	48%	37%	50%	65%	65%
XV	52%	61%	52%	63%	50%	35%	35%

A tabela permite observar que, nos textos escritos entre a primeira metade do século 16 e a primeira metade do século 18, o percentual de uso da opção SV nunca é superior ao da ordem de palavras XV. Além disso, o índice de emprego da seqüência SV não se mostra constante ao longo desse tempo (48% - 39% - 48% - 37% - 50%). Interessa agora apontar o contraste oferecido pelos textos a partir da segunda metade do século 18. Tanto no período de 1750-1799, como no de 1800-1850, a proporção da ordem de palavras SV é de 65%. Em nítida diferença ao padrão anterior a 1750, agora não só a seqüência SV é superior à XV, mas também o seu índice de uso permanece regular.

Uma possível maneira de interpretar os diferentes paradigmas relativos ao posicionamento do sujeito em posição pré-verbal que podem ser observados a partir da tabela 1 seria argumentando que, nos séculos 16 e 17, o Português Europeu se caracteriza como uma língua que manifesta algum tipo de restrição V2. Isto explicaria a oscilação no percentual de uso entre as construções SV e XV, algo esperado de um sistema gramatical no qual o constituinte que precede imediatamente o verbo não precisa necessariamente ser o sujeito, tal como se dá em gramáticas do tipo V2. Por sua vez, do século 18 em diante, a gramática do Português Europeu não exibiria mais um sistema V2, tomando como base para essa afirmação o fato de que, a partir desse período, a superficialização do sujeito antes do verbo é nitidamente a escolha mais empregada em relação à alternativa XV, alternativa esta que se torna uma opção mais marcada, em termos quantitativos.

A idéia de que, a partir do século 18, sujeitos pré-verbais e tópicos deslocados

<sup>2</sup> Galves (2004) chama a fase gramatical anterior ao PE de *Português Médio* (para distingui-la do Português Clássico, termo este que faz referência a um período definido de um ponto de vista cultural e literário). Essa gramática intermediária entre a do Português Arcaico e a do PE corresponderia ao período central da história gramatical do Português, estendendo-se do século 14 ao fim do 17. Esta delimitação é proposta por Galves a partir de fatos do fenômeno da colocação de clíticos.

deixam de compartilhar semelhanças estruturais, à semelhança do que ocorre em línguas V2, é compatível com fatos sintáticos da gramática do PE. Conforme discutido em Costa (1998), construções de múltipla topicalização apresentam um considerável grau de degradação no PE, ao passo que sentenças com apenas um tópico em posição pré-verbal são perfeitamente gramaticais. Assim, os exemplos em (1a) e (1b) são considerados mais marcados do que (1c), e, para que sejam aceitos, é necessário que haja uma pausa prosódica entre o verbo e o PP que o precede.

- (1) a. ??? Sobre o tempo, com o Pedro, falei.  
b. ??? Com o Pedro, sobre o tempo, falei.  
c. Sobre o tempo falei com o Pedro.

Um aspecto interessante, conforme destacado por Costa, é que o contraste entre (1a) e (1b), por um lado, e (1c), por outro, não é reproduzido em construções como (2a), que envolvem um sujeito pré-verbal e um constituinte não-sujeito deslocado: tanto não há grau algum de degradação como também não é necessário introduzir uma pausa entre o sujeito e o verbo. Por sua vez, alterar a ordem entre o sujeito e o PP afeta a aceitabilidade da sentença, como evidencia o exemplo (2b).

- (2) a. Com a Maria, O Pedro falou.  
b. ?? **O Paulo** com a Maria falou rapidamente.

Esses fatos indicam haver um claro contraste entre sentenças com sujeito pré-verbal e sentenças com múltiplos tópicos, o que parece dar apoio à idéia de que os sujeitos não se comportam como tópicos deslocados e, por conta disso, em termos de estrutura oracional, ocupam uma posição diferente da que é preenchida por tópicos não-sujeitos. Tal conclusão, portanto, vem ao encontro da hipótese de que, com a perda do efeito V2 na passagem do PM para o PE, posições sintáticas distintas passam a ser reservadas para o sujeito pré-verbal e para constituintes não-sujeitos superficializados antes do verbo.

## ANÁLISES DO FENÔMENO V2 E A POSIÇÃO DO VERBO NAS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS

As investigações sobre o efeito V2 mostram haver basicamente dois grupos de línguas com essa restrição: aquelas em que a ordem V2 é manifestada nas orações matrizes, mas não nas dependentes, denominadas de línguas assimétricas (Alemão e Holandês, por exemplo), e aquelas que licenciam a ordem V2 tanto nas orações matrizes quanto nas dependentes, denominadas de línguas simétricas (Islandês e Iídiche, por exemplo).

No âmbito do quadro teórico da gramática gerativa, dado que os estudos iniciais sobre o efeito V2 focalizaram línguas que apresentam a assimetria matriz/subordinada em relação ao posicionamento do verbo, foi proposto que a ordem de palavras V2 era o resultado do movimento do verbo finito de  $I^0$  para  $C^0$  (cf. den Besten 1983). Como o núcleo de CP é preenchido por um complementizador em orações subordinadas, o

alçamento do verbo para lá é bloqueado — o que explicaria de maneira elegante a assimetria observada entre orações principais e subordinadas. O constituinte inicial em orações V2 ocuparia o especificador de CP, uma posição não-temática precedendo imediatamente o verbo finito em C<sup>0</sup>.

Essa análise, porém, não oferece uma resposta para a questão da ordem V2 em línguas simétricas, já que, em tais línguas, o verbo é superficializado em segunda posição mesmo em orações iniciadas com um complementizador, como é o caso das sentenças dependentes. Uma possível maneira de interpretar esses fatos seria assumindo que, em línguas V2 simétricas, o verbo finito se move até I<sup>0</sup> apenas, não alcançando portanto o núcleo de CP. Em tais línguas, o constituinte precedendo o verbo ocuparia o especificador de IP (cf. entre outros, Santorini 1992). Com isso, a ordem de palavras V2 seria obtida mesmo diante da presença de um complementizador.

Considerando-se que diversos trabalhos recentes mostram que, em línguas V2, independentemente de serem assimétricas ou não, o verbo sempre se move para além de IP, uma possibilidade interessante de investigação e que daria conta dos dois tipos de língua V2 seria a hipótese de um CP cindido, como proposto em Rizzi (1997). Este autor defende a seguinte estrutura para o nível de CP, na qual cada rótulo corresponde a uma projeção independente:

(3) Force... (TOP\*) (FOC) (TOP\*) Finiteness<sup>3</sup>

Na proposta de Rizzi, Force é o núcleo que expressa, entre outros aspectos, o fato de que uma sentença é uma declarativa, uma exclamativa, uma relativa, uma comparativa etc. Finiteness codifica informações sobre o sistema verbal do IP encaixado (concordância, modo, distinções de tempo etc). As duas categorias TOP seriam projeções específicas para tópicos, ao passo que a categoria FOC seria especificada para abrigar constituintes focalizados. Como nas línguas a escolha de um complementizador determina aspectos relacionados ao núcleo Force ou ao núcleo Finiteness, ou mesmo a ambos simultaneamente, tais elementos poderiam ocupar estes núcleos, com variações paramétricas entre as línguas.

A proposta de Rizzi para a periferia à esquerda da sentença poderia ser articulada da seguinte maneira com os dois tipos de língua V2. Nas línguas em que existe a assimetria matriz/subordinada, uma possibilidade de derivação da ordem V2 nas sentenças matrizes seria admitindo que o verbo deve se mover para o núcleo Force, sendo precedido por um XP qualquer no especificador dessa mesma projeção. Nesse sentido, ordens V>2 não seriam licenciadas em razão de não haver outros especificadores além daquele na projeção de Force que possam abrigar constituintes pré-verbais. No contexto das orações dependentes, a impossibilidade de licenciar a ordem de palavras com verbo em segunda posição poderia ser explicada argumentando-se que o complementizador se encontra em Force, o que bloquearia o movimento do verbo para lá. Já em línguas V2 simétricas, seria plausível supor que o verbo, ao invés de se mover para Force, tenha que ser alçado apenas até Finiteness. Com isso, a presença de um complementizador em Force não impediria o licenciamento de um XP em posição pré-verbal, derivando assim a ordem V2 também nas sentenças encaixadas.

---

<sup>3</sup> O asterisco nas duas projeções de TOP indicam que elas podem ser recursivas.

Pensando-se agora na história do Português Europeu, a questão que se coloca é saber se o PM pode ser melhor encaixado como uma língua com movimento do verbo até Force ou apenas até Finiteness. Dado que nesse período a ordem V2 parece ser licenciada em orações dependentes também (cf. os exemplos em (4)), trabalho com a hipótese preliminar de que os complementizadores responsáveis por selecionar orações finitas sejam gerados em Force e que o movimento do verbo ocorra apenas até Finiteness. Nessa proposta, o constituinte pré-verbal poderia ocorrer em algum dos especificadores situados entre os núcleos Force e Finiteness, explicando assim a derivação da seqüência de palavras V2 tanto em orações matrizes quanto em subordinadas. Além disso, uma análise nessa direção explicaria satisfatoriamente as ordens V>2 atestadas nesse período (cf. os exemplos em (5)). Digo isso pois, mesmo que o constituinte imediatamente precedendo o verbo se mova até o especificador da categoria TOP mais alta, a priori nada impediria que outros sintagmas fossem superficializados linearmente antes do XP pré-verbal, em razão da natureza recursiva das projeções de TOP.

- (4) a. Consta do sobredito [que toda a santidade destes homens era superficial...  
b. Poderá ser [que unidos obrem mais fortemente este engano no coração de algum afligido...]
- (5) a. Também em se mudar hias em outras têm as letras comunicação e guardam a razão de seu parentesco ou vizinhança,  
b. nós da nossa lingua sentimos isto, que estas syllabas ca e coa e co e cu, bem podem escusar essa letra q,

Para o PE, a hipótese preliminar é a de que o verbo permaneça no domínio de IP. Um argumento a favor proposta vem de exemplos como (6) a seguir:

- (6) Muito whisky o capitão me tem servido!

Tem-se admitido que constituintes quantificados, tais como *muito whisky*, estejam localizados no especificador de uma categoria funcional localizada entre CP e IP.<sup>4</sup> Aceito isto, em (6), como argumenta Raposo, o verbo provavelmente se encontra em I<sup>0</sup>, dado que entre ele e o sintagma quantificado se encontra o constituinte com a função de sujeito *o capitão*, admitida a hipótese plausível de que o sujeito oracional possa ocupar a posição [Spec, IP].

## **CORPUS DE ANÁLISE E MÉTODO DE TRABALHO**

### **O Corpus**

Na realização do projeto apresentado neste artigo, será assumido, tal como em Galves (2004), que o PM se estende do século 14 ao 17<sup>5</sup>. Nessa perspectiva, então, a

---

<sup>4</sup> Trata-se da categoria  $\bar{X}$ , nos termos de Martins (2005), ou *F*, na terminologia de Raposo (2000).

<sup>5</sup> Cf. a nota 2.

partir do século 18 já teríamos a emergência da gramática do PE. Em vista disso, a fim de documentar a sintaxe de posição do verbo no PM e a evolução desse fenômeno até o PE, escolhi como ponto inicial da pesquisa o século 16, momento este que corresponde a um período central do PM, focalizando até o século 19, quando já se tem uma gramática do PE mais estabilizada. Ao todo, foram selecionados 14 textos para compor o corpus da pesquisa — todos eles disponíveis no *Corpus Tycho Brahe* (<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/index.html>).<sup>6</sup> A opção por selecionar textos que se encontram no *Corpus Tycho Brahe* parte do fato de que, nesse corpus eletrônico, é abrangido com uma significativa diversidade de autores todo o período de tempo que pretendo investigar. Além disso, o trabalho com um material em formato eletrônico propicia a vantagem de se recuperar dados com uma maior agilidade em relação a outras formas de trabalho.

### **Método de Trabalho**

O método de trabalho que empregarei divide-se em três etapas: 1) coleta e classificação dos dados; 2) quantificação dos dados; 3) análise qualitativa dos dados.

1) Coleta e Classificação dos dados: Esta etapa consiste na separação das sentenças que se encaixam dentro dos contextos sintáticos relevantes para este trabalho. A princípio, selecionaremos sentenças finitas matriciais e dependentes com verbos transitivos.

Uma vez coletados os dados, serão seguidos os seguintes critérios para a classificação de cada sentença:

- a) O tipo de sentença – se matriz ou dependente.
- b) A natureza dos constituintes que precedem e seguem o verbo – se um sujeito (nominal ou pronominal), um PP, um advérbio, uma oração etc.

2) Quantificação dos dados: Consiste no tratamento estatístico dos dados para a verificação dos padrões de ordenação do verbo em relação aos demais constituintes da sentença.

3) Análise qualitativa dos dados: Nesse estágio, dentro do quadro teórico do modelo de Princípios e Parâmetros em sua versão minimalista (cf., por exemplo, Chomsky 1995), a idéia é analisar os padrões de posicionamento do verbo em diferentes contextos com o intuito de propor uma análise abrangente da sintaxe de colocação do verbo no PM bem como as mudanças pelas quais ela passa na passagem do sistema gramatical do PM para o PE.

---

<sup>6</sup> Os textos selecionados para a pesquisa são: 1) *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1507-1585); 2) *Décadas*, de Diogo do Couto (1542-1616); 3) *A Vida de Frei Bartolameu dos Mártires*, de Luis de Sousa (1556-1632); 4) *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*, de F. Rodrigues Lobo (1579-1621); 5) *Cartas*, de Antonio Vieira (1608-1697); 6) *Cartas Espirituais*, de Antonio das Chagas (1631-1682); 7) *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Ellena da Crus*, de Maria do Ceu (1658-1753); 8) *A Vida do Padre António Vieira*, André de Barros (1675-1654); 9) *Reflexão sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna*, de Matias Aires (1705-1763); 10) *Cartas do Abade António da Costa*, de Antonio da Costa (1714-1780?); 11) *Cartas e Outros Escritos*, de Marquesa D'Alorna (1750-1839); 12) *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett (1799-1854); 13) *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco (1825-1890); 14) *Cartas a Emília*, de Ramalho Ortigão (1836-1915).

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CHOMSKY, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- COSTA, J. (1998). *Word order variation: a constraint-based approach*. HIL/LeidenUniversity.
- DEN BESTEN, H. (1983) "On the interaction of root transformations and lexical deletive rules", in: W. ABRAHAM (org.), *On the formal syntax of the west germania*. Amsterdam: John Benjamins.
- GALVES, C. (2004). *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística Fase II*. Projeto de pesquisa apresentado à FAPESP. Campinas, março de 2004.
- GALVES, C. *et alii* (2005). "The change in clitic placement from classical to modern european portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus", in: *Journal of Portuguese Linguistics* 4(1), pp. 39-67.
- MARTINS, A. M. (2005). "Passive and impersonal *se* in the history of Portuguese", in: C. D. PUSCH *et alii* (orgs.). *Romance corpus linguistics II: corpora and diachronic linguistics*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- RAPOSO, E. (2000). "Clitic positions and verb movement", in: J. COSTA (org.), *Portuguese syntax: new comparative studies*. New York: Oxford University Press.
- RIZZI, L. (1997). "The fine structure of the left periphery", in: L. HAEGEMAN (org.), *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- SANTORINI, B. (1992). "Variation and change in Yiddish subordinate clause word order", in: *Natural Language and Linguistic Theory* 10, pp. 595-640.